



NATUREZA E ARTES

A Tapada da Ajuda e a recém-inaugurada residência universitária da Ajuda levaram-nos a visitar essa parte da cidade de Lisboa. A Tapada da Ajuda é um extraordinário enclave natural no perímetro urbano da cidade, onde o Instituto Superior de Agronomia desenvolve parte significativa da sua atividade de investigação e ensino. É também um espaço de lazer que merece ser descoberto, e não é decerto accidental que a sua origem tenha sido justamente a de um espaço concebido para esse fim quando se designava ainda Tapada Real de Alcântara (ou que tenha atraído o General Junot na sua incursão por Lisboa).

A Residência da Ajuda que acaba de ser inaugurada, a escassa distância do lado poente da Tapada, atingiu já a sua lotação plena, num sinal de como a escassez de alojamento universitário é um dos problemas maiores que afetam hoje o ensino superior em Portugal.

Damos também conta de uma recém-constituída universidade europeia de cujo consórcio fundador a ULisboa faz parte, resultante de uma candidatura bem-sucedida a um programa da União Europeia com condições competitivas muito exigentes.

Encontrámo-nos também com um professor da ULisboa, sobre cuja notável prática artística conversámos em detalhe, e com duas antigas alunas que, na música e na banda desenhada, se têm publicamente distinguido. •

ÍNDICE



- I Editorial**
- 2 Índice**
- 3 Residência Universitária da Ajuda**
Uma casa com vista para o Tejo
- 7 Notícias**
Aconteceu
Vai acontecer
- 10 Sobre**
Os Censos, por Jorge Malheiros
- 11 4 Coisas**
Clara Raposo
- 12 João Jacinto**
«Nós, pintores, somos fabricantes de ilusões.»
- 18 Tapada da Ajuda**
Sair da cidade dentro da cidade
- 26 Unite!**
University Network for Innovation, Technology and Engineering
- 28 E assim sucessivamente**
Rita Alfaiate
Alexandra M. Moreira do Carmo

FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Área de Arquivo, Documentação e Publicações

Diretor: **António M. Feijó** | Coordenação executiva e produção: **Ana Silva Rigueiro**

Redação e comunicação: **Ana Cláudia Santos e Helena Carneiro**

Fotografias: **António Mil Homens, Departamento de Relações Externas e Internacionais da Universidade de Lisboa, Duarte Pinheiro, Instituto Superior de Agronomia, José Bértolo, Mariana Castro, Valdemar Ricardo Alves**

Capa: **Pormenor de atelier de João Jacinto** © José Bértolo

Verso de contracapa: **Desenho de © Rita Alfaiate**

Design: **A Bunch of Susans**

Periodicidade: **março, maio, outubro e dezembro** | Assinaturas e distribuição: **imprensa@reitoria.ulisboa.pt**

Impressão: **Lidergraf – Sustainable Printing** | Tiragem: **12 000 exemplares**

Depósito legal: **418564/16** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**

Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal

Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: **imprensa@reitoria.ulisboa.pt**

Distribuição Gratuita



**IMPRENSA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

RESIDÊNCIA UNIVERSITÁRIA DA AJUDA

UMA CASA COM VISTA PARA O TEJO

Inaugurada no passado dia 23 de julho, a nova casa dos estudantes da Universidade de Lisboa é uma oferta economicamente mais vantajosa e ecologicamente sustentável para quem se desloca de outras zonas do país para estudar na nossa Universidade.

Fotografias © DREI ULisboa





São 126 quartos individuais, 24 quartos duplos, 2 quartos para estudantes com necessidades educativas especiais, e 4 apartamentos, cada um com duas camas.

É um espaço de convívio. Cada piso tem várias cozinhas, espaços de estudo e espaços para estar.

A água das caldeiras é aquecida pelos painéis solares instalados.



Quarto duplo e cozinha

Pela primeira vez, uma residência da Universidade de Lisboa será gerida por um técnico superior que desempenhará também a função de assistente social.

Há aproximadamente dois anos, em dezembro de 2017, a Revista da ULisboa mostrava à comunidade universitária o projeto em curso da residência universitária do Polo da Ajuda; agora, na *rentrée* académica de 2019/2020, já não é um projeto que mostramos, mas uma realidade que melhorará a vida de muitos estudantes. A inauguração contou com a presença do primeiro-ministro António Costa, do ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Manuel Heitor, do presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Fernando Medina, e do reitor António Cruz Serra, e os discursos tiveram como mote a necessidade de uma maior agilidade administrativa para as obras públicas e um objetivo a concretizar: o de, até 2023, se duplicar o número de camas disponíveis para estudantes do ensino superior.

O número de camas disponibilizado nesta primeira fase em muito contribui para essa meta: são 126 quartos individuais, 24 quartos duplos, 2 quartos para estudantes com necessidades educativas especiais, e 4 apartamentos, cada um com duas camas. Da autoria do *atelier* CVDB Arquitectos, a residência apresenta uma estrutura sóbria e funcional, tanto no exterior como no interior, mas simultaneamente arrojada e inovadora. O edifício tem a forma de um L, que, complementado por um segundo bloco a ser concluído no ano letivo de 2020/2021, também da mesma forma, desenhará um quadrado com um pátio no centro. No interior, as infraestruturas de betão e tijolo foram pintadas, tendo permanecido visíveis, e também não foram tapadas, no teto, as calhas dos cabos, de forma a faci-

litar a manutenção do equipamento. Além dos propósitos estético e prático, foi uma estratégia de poupança e de cumprimento da dotação orçamental – o custo de construção desta primeira fase foi de 4 milhões e 600 mil euros, sendo o custo estimado da segunda fase de cerca de 3 milhões de euros. A diminuição do valor deve-se ao facto de, neste momento, já estarem construídas as estruturas básicas que servirão os dois blocos, nomeadamente as caldeiras, o sistema elétrico e o sistema de saneamento.

Cada quarto, além da cama com os respetivos lençóis e cobertas, está mobilado com uma secretária e um candeeiro individuais, e as janelas proporcionam uma luminosidade natural. Mas, mais do que um sítio para dormir, esta residência é um espaço de convívio. Cada piso tem várias cozinhas – equipadas com aparelhos elétricos –, espaços de estudo e espaços para estar; há televisões e acesso à internet; no topo, um terraço com vista para o Tejo. A sustentabilidade foi também uma preocupação, e, por isso, estão instalados painéis solares para as caldeiras; as instalações a gás existem, mas apenas como complemento aos painéis e em exclusivo para os banhos.

O projeto concebeu uma residência jovem e apelativa, que se afastasse do modelo das residências universitárias mais pequenas e situadas em edifícios mais antigos. Isto é visível quer no tipo de decoração, com equipamentos e paredes de cor azul, laranja e vermelha, quer na abordagem à gestão das instalações e dos seus residentes. Pela primeira vez, uma residência da Universidade de Lisboa tem, a par, e como complemento, da figura tradicional do en-

carregado de residência, um técnico superior que desempenha uma função dupla: por um lado, a gestão executiva do espaço; por outro, o acompanhamento pessoal e social dos residentes. Tem segurança 24 horas e um piquete diário para sinalizar ou intervir em situações que possam surgir. Não existe uma divisão vincada entre o alojamento dos rapazes e o das raparigas, mas apenas o cuidado de haver uma separação de corredores, não de pisos; o objetivo é promover uma socialização saudável e descontraída.

A residência entrou oficialmente em funcionamento no dia 16 de setembro, e as inscrições estão abertas em permanência, desde que existam vagas. O mesmo princípio se aplica aos critérios para admissão de residentes: embora sendo uma residência universitária da ULisboa, desde que existam vagas, são admitidos estudantes e colaboradores de outras instituições do ensino superior. Prioritários são, em primeiro lugar, os estudantes deslocados do agregado familiar, e, em segundo, os estudantes bolseiros; entre estes últimos, os deslocados continuam a ter prioridade. A tabela de preços contempla estadias diárias, semanais, quinzenais e mensais. Numa vertente mensal, para estadia em quarto duplo, o estudante bolseiro pagará entre 75,06 € e 190 €, dependendo do rendimento *per capita* do agregado familiar; se a estadia for em quarto individual, o preço será de 220 € por mês.

Entre 9 e 13 de setembro, a residência albergou 89 jovens de todo o país da organização Women2Women, entre os 16 e os 21 anos. Foi, segundo o diretor dos Serviços



de Ação Social, Carlos Dá Mesquita, uma fase de teste que permitiu verificar a operacionalidade das instalações.

Concretizada a primeira fase deste projeto, e estando a segunda já em curso, outros projetos de residências para estudantes da Universidade de Lisboa estão a ser desenvolvidos, nomeadamente a conversão da Cantina 2, sita na Avenida das Forças Armadas, e a construção de uma residência no terreno que confina a leste com a Biblioteca Nacional de Portugal. Para estas iniciativas, a parceria com a Câmara Municipal de Lisboa é crucial. O reitor António Cruz Serra defende que «só com uma oferta significativa por parte da Universidade é que se conseguirá regularizar o preço dos quartos» para estudantes em Lisboa. Deste modo, a ULisboa está completamente alinhada com o objetivo maior referido pelo primeiro-ministro António Costa no dia da inauguração, o de que, «em 2030, 60 % dos jovens que então tenham 20 anos estejam a frequentar o ensino superior», e que ninguém seja impedido de o fazer por barreiras económicas relacionadas com o alojamento. •

António Cruz Serra, António Costa
e Fernando Medina no terraço
da Residência da Ajuda

António Cruz Serra em discurso
no dia da inauguração

Diogo Burnay e Cristina Veríssimo,
do atelier CVDB Arquitectos

A tradição reinventa-se Abertura do Ano Académico 2019/2020

Os novos alunos da Universidade de Lisboa encheram a Aula Magna e a Alameda da Cidade Universitária para a cerimónia festiva organizada para lhes dar as boas-vindas, no passado dia 18 de setembro. Quem não coube na Aula Magna pôde sentar-se no relvado em frente a um palco com um ecrã que transmitiu o evento ao vivo, e que teve início com a exibição de um vídeo que espelhou a emoção de começar uma nova etapa de vida.

Em pessoa, as boas-vindas foram oficialmente dadas pelo estudante José Rodrigues, membro do Conselho Geral da ULisboa, que abordou as dificuldades de alojamento e a luta estudantil, passada e presente, declarando que, «se esta é talvez a geração mais bem preparada do país, é a que viverá pior», devido aos desafios que enfrentará no mercado de trabalho. A nota final assentou na necessidade de resposta a estes desafios.

A Dr.^a Zélia Abegão, dos Serviços de Ação Social da ULisboa, discursou de seguida, na qualidade de representante dos funcionários. Sublinhando a importância dos serviços de ação social no ensino superior, colocou o foco também no alojamento, sublinhando que,

com a inauguração da Residência da Ajuda, a oferta de camas da Universidade de Lisboa subiu de 833 em 2018 para 1077 em 2019; contudo, no segundo dia após a abertura de inscrições, a procura superou a oferta. Chamou a atenção para a necessidade de um rápido acesso aos dados dos alunos bolsistas, situação para a qual a Direção-Geral do Ensino Superior foi alertada. Considerando que as mudanças causadas pela entrada no ensino superior podem trazer momentos menos bons, a Dr.^a Zélia Abegão deixou claro que, «sempre que precisarem, a porta estará aberta».

Em nome dos docentes falou o Prof. Arlindo Oliveira, presidente do Instituto Superior Técnico em final do segundo mandato. Elogiou a preservação da autonomia das Escolas após a fusão, algo que disse não ser prática comum, enaltecendo também a capacidade demonstrada pela ULisboa de gerir instituições em permanente crise orçamental: nos últimos dez anos, as universidades portuguesas perderam 30 % da dotação do Orçamento de Estado. Apelou para que os estudantes se manifestassem, fazendo soar o seu descontentamento em relação

às condições no ensino superior. Refletindo sobre o desenvolvimento tecnológico crescente, Arlindo Oliveira defendeu que a ciência é a única resposta possível para tornar sustentável o mundo em que vivemos: «o alcance da Humanidade é infinito», disse o professor, «e todos os alunos contribuirão para levá-lo cada vez mais longe».

Foi prestada a habitual homenagem aos aposentados, listando, Escola a Escola, todos os docentes e funcionários que terminaram a sua colaboração dedicada ao serviço da ULisboa.

Por último, tomou a palavra o reitor António Cruz Serra, retomando o tema da tecnologia. Vivemos numa cultura largamente digitalizada, e é preciso estarmos atentos à manipulação das consciências, o que acarreta um desafio para as sociedades e para as universidades do futuro, considerando o papel que desempenham na formação. A inteligência artificial tornou-se uma realidade, mas, diz o Reitor, «quando estas tecnologias se tornarem obsoletas, e elas tornar-se-ão obsoletas, continuaremos a ler Camões e Pessoa, e a ouvir Lopes-Graça e Mozart». A



Dr.^a Zélia Abegão,
Reitor António Cruz Serra,
estudante José Rodrigues
e Prof. Arlindo Oliveira



Coro Infante
Juvenil da ULisboa

sustentabilidade ambiental é uma preocupação premente, e a universidade, com os seus investigadores, desempenha uma função essencial no «pensar em frente e ir na direção certa». Mas, para tal, são necessários recursos. O reitor defende um aumento de 3 % na dotação do Orçamento de Estado para as universidades portuguesas, partilhando factos comparativos: a Universidade Técnica de Delft, na Holanda, com 23 000 estudantes, possui uma dotação orçamental do Estado no valor de 378 milhões de euros – quatro vezes superior à da Universidade de Lisboa; a Universidade Católica de Lovaina, com um número de estudantes ligeiramente inferior ao da ULisboa, dispõe de um orçamento duas vezes superior ao conjunto das universidades portuguesas.

Relativamente às medidas de acesso à universidade, o reitor deixou claro que estas devem ser «no interesse dos estudantes,

não no das instituições que os devem servir», defendendo o aumento do número de vagas nos cursos com maior procura: «não é razoável que um estudante com média de 18,8 valores não possa escolher o curso onde queira prosseguir os seus estudos».

O reitor reconheceu e agradeceu «o excelente trabalho» dos quatro Highly Cited Researchers da ULisboa, que se encontram entre os 1 % mais citados no mundo na sua área científica: José Manuel Bioucas-Dias e Mário A. T. Figueiredo, do Instituto Superior Técnico; Luís Santos Pereira, do Instituto Superior de Agronomia; Alan J. L. Phillips, da Faculdade de Ciências. Foi anunciada a formação de mais um Colégio e assinalados os dez anos de existência do Programa de Formação Universitária para Seniores, comemorados com uma inovação colocada em prática este ano letivo: a partilha das mesmas salas por

estudantes seniores e estudantes regulares. António Cruz Serra terminou a intervenção com mais uma palavra para os estudantes matriculados pela primeira vez na ULisboa: «Contamos com a vossa inteligência, ambição e energia para fazer crescer a Universidade.»

Começando com o tradicional cortejo académico, a cerimónia terminou com a atuação do Coro Infante Juvenil da ULisboa. Dirigidos pela maestrina Erica Mandillo, acompanhados ao piano por João Lucena e Vale, os mais de 50 elementos do coro brindaram-nos com uma surpreendente exibição de coordenação física e espantosa qualidade vocal. Assistiu-se deveras à celebração, quase tribal, de um início de ano, e de vida.

Fora de portas, o palco montado na Alameda acolheu a partir do pôr do sol vários concertos que se prolongaram pela noite (e madrugada) fora.

© DREI ULisboa



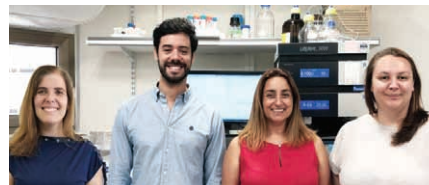
Acesso ao Ensino Superior

Neste ano letivo de 2019/2020, o ensino superior recebeu, na primeira fase, 44 500 estudantes, registando um aumento de 1,2 % em relação a 2018. Destes alunos, 53 % foram colocados na sua primeira opção. Os dois cursos com a média mais alta pertencem à Universidade de Lisboa: engenharia aeroespacial, em que a média do último colocado foi de 18,95 valores, e engenharia física tecnológica, com média de 18,88. Ambos os cursos são oferecidos pelo Instituto Superior Técnico e ambos tiveram um aumento no número de vagas em relação ao ano passado: de 80 para 92 vagas, e de 60 para 69, respetivamente. O curso de direito da ULisboa foi aquele que teve mais colocados em todo o país, recebendo este ano um total de 447 alunos.

Vacina inovadora no combate ao cancro

Uma equipa de investigadores da Faculdade de Farmácia da ULisboa e da Faculdade Sackler de Medicina da Universidade de Tel Aviv desenvolveram uma nanovacina que ajuda a combater o cancro. O estudo, coordenado por Helena Florindo e Ronit Satchi-Fainaro, e desenvolvido por João Conniot e Anna Scomparin, foi publicado em agosto na revista *Nature Nanotechnology*. A vacina tem a capacidade de reeducar células do sistema imunitário que, desta forma, conseguem reconhecer proteínas apresentadas apenas por células tumorais, em particular células de melanoma, o que conduz a uma inibição do crescimento do tumor e poderá aumentar o tempo de vida dos doentes. Segundo Helena Florindo, «a nanovacina não tem como alvo direto as células tumorais, mas utiliza o sistema imunológico do nosso corpo para alcançar a destruição seletiva das células cancerígenas. Isso é de extrema relevância para os doentes oncológicos, que sofrem recor-

rentemente de efeitos adversos graves causados pela ação inespecífica de agentes anticancerígenos em tecidos e órgãos saudáveis». Embora em fase experimental, pode desde já afirmar-se que a nanovacina constitui uma alternativa às vacinas terapêuticas contra o cancro existentes no mercado, não só porque pode ser administrada independentemente do estado de evolução da doença, mas sobretudo porque atua diretamente na regeneração do sistema imunitário do doente. Está agora a ser avaliada a eficácia da vacina no carcinoma da mama, no cancro colorretal e no cancro pancreático.



Helena Florindo e João Conniot (ULisboa), Ronit Satchi-Fainaro e Anna Scomparin (UTel Aviv)

© FFULisboa

Domingos José Matos Sousa Faria Prémio de Ensaio SPF 2018

O investigador do Centro de Filosofia da ULisboa foi o vencedor da 11.ª edição do prémio atribuído pela Sociedade Portuguesa de Filosofia. Lançada a pergunta «É o livre arbítrio compatível com o determinismo?», o investigador Domingos Faria respondeu com o ensaio «(β) não dá base ao incompatibilismo entre determinismo e livre-arbítrio». Doutorada pela Universidade de Lisboa em 2017 com a tese *Será a crença em Deus apropriadamente básica: defesa de um inferencialismo moderado*, Domingos Faria tem como principais áreas de investigação a epistemologia e a filosofia da religião.



© Acervo pessoal

Políticas Públicas e Gestão Escolar

Tem lugar no dia 8 de novembro, no Instituto de Educação, o 4.º encontro de Políticas Públicas e Gestão Escolar: Políticas de Qualidade em Educação. O evento conta com a participação de Antoni Verger (Universitat Autònoma de Barcelona), Jaakko Kauko (Tampere University) e Romuald Normand (Université de Strasbourg), destinando-se aos diversos grupos de profissionais envolvidos no setor da educação e a todos os interessados em políticas públicas e qualidade em educação. Organizado em conjunto com o Fórum Português de Administração Educacional, o encontro insere-se no âmbito das atividades da escola doutoral «Políticas Públicas e Trabalho Docente», que decorrerá entre 4 e 8 de novembro no Instituto de Educação.

ULisboa em Xangai

A partir de 2020, a ULisboa terá uma Escola na Universidade de Xangai com três cursos de engenharia. Serão licenciaturas de engenharia civil, engenharia eletrotécnica e de computadores, e engenharia do ambiente. No total, serão 60 vagas, e o ensino será repartido: na licenciatura, os alunos chineses virão um semestre para Lisboa. Está previsto que 30 % das aulas sejam dadas por professores da ULisboa, que serão deslocados para Xangai. O ensino será feito em inglês, mas com uma segunda língua em opção, nomeadamente a língua portuguesa, o que fará com que os alunos possam aprendê-la lá. Prevê-se a abertura destes mesmos cursos no nível de mestrado em 2021.



Fotoreator usado nas experiências de conversão de dióxido de carbono

Reciclar o dióxido de carbono

Um grupo de investigadores da Faculdade de Ciências e do Instituto Superior Técnico está a criar um processo economicamente viável de reciclagem do dióxido de carbono, responsável pelo efeito de estufa. O coordenador da investigação é Paulo N. Martinho, investigador do Centro de Química e Bioquímica, do Instituto de Biosistemas e Ciências Integrativas, e do Departamento de Química e Bioquímica da Faculdade de Ciências, e os resultados foram capa da revista *Chemistry – A European Journal*. O estudo foi iniciado em 2014, no âmbito da tese de doutoramento em química inorgânica da aluna Sara Realista, e demonstra que as moléculas baseadas em cobalto, um dos metais mais abundantes na Terra, são capazes de converter dióxido de carbono em produtos com monóxido de carbono e metano. Paulo N. Martinho explica que «estes produtos podem ser usados de forma economicamente viável como alternativa a outros de origem fóssil».

© Ciências ULisboa

SOBRE

OS CENSOS, AS DINÂMICAS SOCIAIS E A RECOLHA DE DADOS DE BASE ÉTNICO-RACIAL

Jorge Malheiros *

Há já 30 anos, no curso de Geografia e Planeamento, explicava-se que as técnicas de análise fatorial aplicadas a dados dos censos recolhidos para pequenas unidades geográficas traduzem a estrutura de organização e recolha de informação desses censos. A «realidade científica» construída a partir da informação estatística não corresponde à «realidade social», existindo entre ambas filtros que decorrem das opções dos especialistas e dos métodos utilizados.

Ora, estas «opções dos especialistas» são essenciais para definir processos de recolha e análise da informação, pois não se trata apenas de «descrever a realidade social e demográfica», mas de a questionar, obtendo os dados necessários à boa gestão pública. Os Censos são o instrumento tecnicamente mais desenvolvido de recolha de informação demográfica e social.

Os Censos combinam elementos que persistem de censo para censo com outros que carecem de ajuste, supressão ou acrescento, fornecendo informação essencial para lidar com novas realidades sociais. É o caso da recolha de dados étnico-raciais.

Nos Censos do Portugal democrático, a questão esteve sempre ausente. Constitucionalmente rejeitada a discriminação racial, a recolha de dados de base étnico-racial parecia não fazer sentido, por estar comprovada a inexistência de raças humanas nos âmbitos científico e genético, mesmo se a ideia de raça subsiste como construção social fundada em estereótipos que alimentam o racismo.



Incluir categorias étnico-raciais poderia ser entendido como legitimação e naturalização dessas categorias socialmente construídas, e alimentar preconceitos de «superioridade racial» – nas colónias portuguesas, os Censos incluíam categorias étnico-raciais, designadas como «tipos somáticos».

Porquê discutir, agora, a inclusão de uma questão sobre categorias étnico-raciais? Porque a realidade social se alterou. O racismo e os grupos étnico-raciais em situação de desvantagem (afrodescendentes, população cigana, brasileira, etc.) são uma evidência na sociedade portuguesa. A recusa de recolher oficialmente a informação contribui para tornar invisível a desvantagem dos grupos étnico-raciais não brancos de nacionalidade portuguesa, e se considerar que a discriminação racial apenas se aplica a imigrantes. Dificulta-se assim políticas de promoção da igualdade em áreas como a educação ou a habitação.

Incluir a questão nos Censos (facultativa, como a pergunta sobre religião) traz mais vantagens do que inconvenientes, dada a capacidade técnica do Instituto Nacional de Estatística (INE) na aplicação dos protocolos éticos, científicos e de segurança relativos à recolha, tratamento e disponibilização da informação.

Assim, não se compreende a opção do INE, apoiado pelo Conselho Superior de Estatística, de não incluir a questão nos Censos de 2021, já que, no inquérito a uma amostra de população residente composta por vários grupos étnico-raciais, verificou-se uma posição claramente maioritária de incluir a questão. Pretender que, se trata de uma prática rara na União Europeia é uma falácia que separa artificialmente o «étnico-racial» do «étnico-nacional», como se grupos racializados, assumidos nos censos de diversos países europeus como «minorias étnicas nacionais» (e.g. população cigana), não fossem grupos étnico-raciais. Mais absurdo é argumentar que o «Censo não classifica», quando a maioria das suas questões tem categorias. A quase dois anos dos Censos de 2021, haveria tempo para definir as categorias e proceder ao seu teste.

A pergunta não se fará, mas abriu-se a porta para um debate público sério sobre a questão. Devemos estar atentos à concretização das alternativas que foram prometidas: a realização de um inquérito a uma amostra representativa da população e dos grupos étnico-raciais que a compõem. Se este é o caminho, asseguremos que é percorrido. •

* Geógrafo, investigador do Centro de Estudos Geográficos, e professor do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

4 COISAS

Clara Raposo

Presidente do Instituto Superior de Economia e Gestão

© Rute Rodrigues (ISEG)



Era uma Vez na América

Foi um dos primeiros filmes «a sério» que vi, era então uma *teenager* recente. Todo o seu ambiente e dinâmica me marcaram nessa altura, tal como a banda sonora de Ennio Morricone, que acompanha de forma perfeita a narração. Creio que é possível que continue a causar impacto num jovem em 2019. Foi o último (e brilhante) filme realizado por Sergio Leone. Percorre as vidas

paralelas de dois jovens judeus de Nova Iorque – magnificamente protagonizados por Robert de Niro e James Woods. O enredo envolve amizade, *gangsters*, amor, rivalidade, ambição – enfim, tudo o que marca as nossas vidas (e mais ainda). Numa idade crítica, este filme despertou-me emoção, maturidade e paixão pelo cinema. Até hoje.



Para Sempre

É um livro do Vergílio Ferreira, de entre muitos que li e me absorveram naqueles anos de fim de liceu e entrada na vida adulta. O meu gosto por literatura é eclético e inclui obras de ficção intimistas e introspectivas. É o caso deste romance

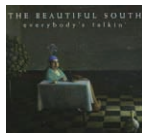
de amor e perda, algo filosófico, que narra como o amor deve ser. Não é um livro que agrade a todas as sensibilidades; nem tem de ser. Mas é uma referência para mim. Guardo a memória deste livro, não apenas até hoje, para sempre.



Veneza e as ruas da Madragoa

Veneza é um lugar aonde gosto de ir e a Madragoa, aqui junto ao ISEG, é o lugar onde gosto de estar. Veneza não será a mais bela cidade do mundo, mas considero-a especial, única. Quem consegue ficar indiferente aos recantos e canais

e ao percurso de *vaporetto* do aeroporto até à Piazza San Marco? É um lugar aonde gosto sempre de ir, mas onde não quereria viver. Onde gosto de estar é nas ruas da Madragoa, diversas, melancólicas e cheias de vida a qualquer hora.



Everybody's talkin'

É uma música dos Beautiful South e não é a melhor canção que já foi composta no mundo, nem sequer aquela de que mais gosto. Porém, é uma canção que me

acompanhou em momentos importantes de mudança, com uma letra muito simples, mas que tem a ver comigo e com o facto de eu pertencer aqui.

JOÃO JACINTO

«NÓS, PINTORES,
SOMOS FABRICANTES
DE ILUSÕES.»

João Jacinto é pintor e professor na Faculdade de Belas-Artes da ULisboa. Fomos vê-lo ao seu *atelier* na Ajuda, um espaço com as paredes e o chão pejados de desenhos e pinturas. Aí, conversámos sobre a vontade de pintar, a banalidade das coisas e o que fazemos para enganar a solidão.

Fotografias © José Bértolo



«Um crítico pode saber pensar pintura, mas de pintura não sabe.»

ULISBOA Em que está a trabalhar agora?

JOÃO JACINTO Em tudo o que veem aqui no chão. Trabalho sempre no chão e em muitas coisas ao mesmo tempo, salto de uma para outra. Em miúdo, li uma entrevista em que o Hemingway dizia que trabalhava só de manhã e parava quando achava que tinha conseguido alguma coisa, para ter o que continuar no dia seguinte. Eu faço o mesmo. Quando os trabalhos estão acabados, ou temporariamente acabados, empilho-os num monte ou encosto-os à parede. Quando são muito grandes, penduro-os para os ver, para me incomodarem; sou muito indeciso, estou sempre a acrescentar um risco. Já houve trabalhos meus que foram expostos, estão reproduzidos em livros, e já não existem – não foram vendidos, voltaram para mim e eu alterei-os completamente.

ULISBOA Vem ao *atelier* todos os dias?

JJ Entre o horário da Faculdade e outras coisas que nos ocupam a vida, nem sempre consigo. Tento vir o mais que posso, mas raramente mais do que três ou quatro horas; às vezes, venho só uma hora. Um dia inteiro, só durante as férias ou num ou outro fim de semana.

ULISBOA É verdade que, quando muda de *atelier*, deita tudo fora?

JJ Sim. Nos *ateliers* anteriores, forrava as paredes e o chão com plástico. Quando me mudava, não levava nada, pegava nos restos dos trabalhos inacabados e dos materiais, fazia uma grande bola de plástico e punha no lixo.

ULISBOA Há quanto tempo está neste *atelier*?

JJ Dois anos.

ULISBOA Já se mudou muitas vezes?

JJ Já fiz as bolas quatro vezes. Tive um

atelier no cimo da Rua Morais Soares, um 4.º andar, sem elevador. Quando tive de sair, fiz a tal grande bola de plástico, só que não cabia na porta. [Risos] Havia uma varanda nas traseiras, junto às escadas de incêndio; deixei a bola lá, fechei a porta e entreguei as chaves ao senhorio. [Risos]

ULISBOA Lembra-se de tudo o que está a fazer neste momento?

JJ Intuitivamente, sim. Não consigo descrever, de imediato e de forma completa, cada um dos trabalhos, e onde está, mas é como com as pessoas: podemos não nos lembrar do nome, mas fica qualquer coisa, uma familiaridade.

ULISBOA Afirmou que podia passar doze anos com o mesmo trabalho.

JJ Não sou um autor que tem uma ideia sobre uma coisa que quer fazer, a congeminar e depois a cumprir até que ela se realize. As coisas vêm informes e, lentamente, começam a ganhar uma certa configuração, que umas vezes se mantém estável e evolui de forma mais regular, e outras vezes não. Por isso é que há diferenças entre desenhos que acontecem num instante – começamos a fazer e, quase sem dar por isso, convence-nos – e coisas que se arrastam, vão para diante, voltam para trás... Não sou regular. Há trabalhos feitos num dia, outros feitos ao longo de dez, quinze, vinte anos.

ULISBOA Em relação ao processo de criação, declarou-se destituído de imaginação.

JJ Não sou capaz de inventar nada. Se calhar, sou pouco imaginativo na conceção de imaginação. Para mim, a imaginação é a capacidade de, na origem, inventar, e não sinto que a tenha. Sou capaz de ser conduzido, ou de conduzir coisas, até situações de novidade, antes inexistentes. Mas a banalidade das coisas já me ocupa tanto, que não sobra tempo para o que não é banal.





«Se eu não vier para aqui fazer coisas, não fico bem-disposto, não me sinto de acordo comigo.»

É claro que essa minha afirmação sobre a imaginação não é destituída de alguma perversidade, porque, se não tivesse imaginação nenhuma, não me atrevia sequer a fazer um risco, não tinha a necessidade ou o ímpeto de o fazer.

ULISBOA Afirmou ainda ser destituído de inspiração, o que contradiz a ideia do pintor como ser mediúnico, que defende.

JJ Pode parecer um paradoxo, mas são coisas diferentes. O pintor é um ser mediúnico no sentido em que é tomado por coisas maiores; a inspiração é uma invenção do século XIX, e não prezo o lugar que o conceito tem ocupado. Há riscos que nos saem melhor do que outros. Porquê? Porque alguma coisa ocorreu que os fez melhores, ou porque fomos capazes de reparar que tinham qualidades; muitas vezes fazemos riscos extraordinários e somos incapazes de ver que o são. Então, para usar o chavão, tivemos inspiração a fazer o risco, mas não tivemos inspiração nenhuma a olhar para ele. Gosto daquela frase do Picasso, quando lhe perguntaram o que era a inspiração: «Espero que, se ela ocorrer, eu esteja a trabalhar.»

ULISBOA Na sua última exposição, *A Chuva Cai ao Contrário* [Sociedade Nacional de Belas Artes, julho de 2019], concorda que se pode ver a influência do pintor John Constable [1776-1837]?

JJ Uma vez perguntaram-me quais os autores que mais me tinham influenciado, e eu disse: «Todos, principalmente aqueles que nunca vi.» Tudo o que existe, independentemente do nosso conhecimento disso, tem algum lugar em nós, alguma consequência. A paisagem, no sentido em que perdurou a partir do século XIX, tem o cunho de Constable. Por isso, é óbvio que sim.

ULISBOA Como lida com a tradição? Se tivesse de criar os seus pais, quem seriam?

JJ Criamos os pais sem termos disso consciência. Não sei que pais criaria. Adorno diz que o que se cria traz sempre consigo um «doravante». Tendencialmente, pensamos em «doravante» como «daqui para diante», voltados só para um lado; mas, «daqui para diante» é voltado para todos os lados, incluindo para trás. Pode parecer estúpido, mas acho que os desenhos que faço agora alteram as primeiras pinturas que o

homem fez nas cavernas. Inevitavelmente, cada risco que fazemos reinventa o mundo em toda a sua extensão e direção.

ULISBOA Inserindo-o na história da arte?

JJ Não acredito na história da arte. É uma narrativa que se inventa para que o tempo e o espaço nos sejam compreensíveis. Há histórias da arte mais inteligentes do que outras, mais bonitas do que outras, mais desafiantes, mais perturbantes do que outras, mas são só isso.

ULISBOA Preocupa-o mais conseguir continuar o seu trabalho do que continuá-lo na pintura. Que trabalho é esse?

JJ Não sei se é definível. É uma atividade maluca, esta de ter vontade de fazer coisas. Não é normal. Por alguma razão, ao longo dos tempos, as pessoas com vontade de fazer coisas foram olhadas de modo diferente.

ULISBOA Refere-se a fazer coisas artísticas?

JJ Não só. Pode ser um artista como um místico ou um teólogo. Porque é que alguém se põe em cima de uma coluna no meio do deserto?

ULISBOA Mas refere-se a atividades que não são as de subsistência.



JJ Porque é que alguém escolhe viver de uma determinada maneira? Pode-se estar só a lutar pela sobrevivência, por perdurar, mas nem toda a gente escolhe perdurar da mesma maneira. Até nas coisas mais elementares e rasteiras do indivíduo há diferenças. Se eu não vier para aqui fazer coisas, não fico bem-disposto, não me sinto de acordo comigo. Por isso, venho. Não o faço enquanto terapia ocupacional, apesar de essa dimensão existir. O fundamental para mim é poder continuar a fazer, o que não significa apenas ter tempo, meios e dinheiro, mas conseguir continuar a ter uma força anímica, a ter qualquer coisa que me leve a fazê-lo. É como se tivesse contraído uma dívida, apesar de ela nunca ter ocorrido. Há qualquer coisa a pagar que não se sabe o que é, e que nunca se paga, porque nunca existiu.

ULISBOA A ideia de pagar uma dívida também se aplica à atividade docente?

JJ É completamente diferente. A atividade docente é nomeável, esta não.

ULISBOA Começou a dar aulas porque quis?

JJ Porque quis, aceitei e continuei. Dou aulas há trinta anos, mas nunca senti que tinha a vocação ou a missão de ensinar. Comecei a dar aulas muito cedo, ainda era aluno da Faculdade, durante dois anos, no Ar.Co. E parece que não correu mal. Depois, estive um ano a cumprir o serviço militar, e tinha de ir ganhar dinheiro e fui dar aulas. Continuei a gostar e continuou a não correr mal.

ULISBOA Como se relaciona com os trabalhos dos alunos?

JJ No grupo de Desenho ao qual perten-

ço, na Faculdade, transitamos muito, nunca somos só responsáveis por uma disciplina ou um ano. Este ano tive alunos do primeiro ano no primeiro semestre, e alunos do segundo semestre do último ano. Estava com alunos do princípio e com alunos do fim. Há uma coisa que funciona a meu favor e contra mim: não tenho resistência ao trabalho dos alunos. Afeta-me, envolve-me, no bom e no mau sentido. Isso, até ao momento, tem-me trazido duas coisas positivas: a minha capacidade de ter sempre motivação para estar nas aulas; e, da parte dos alunos, isso ser gratificante para eles. Eles percebem que está ali alguém por causa deles e para as coisas deles.

ULISBOA Enquanto aluno, houve algum professor que tenha sido importante para si?

JJ Houve. Há professores e alunos que nos afetam mais do que outros. No primeiro ano, tive um professor muito marcante, o Pedro Saraiva, que depois foi meu colega e já se reformou. Disse-me algo que foi muito importante: «Estas questões do primeiro ano já não são para ti; está à tua vontade, e, sempre que eu puder, ajudo-te.» Foi ele que me introduziu no mundo da arte, falando do meu trabalho a outros. Houve outro professor de quem gostei, o Jorge Pinheiro, no quinto ano de Pintura.

ULISBOA É importante para si expor?

JJ É, por todas as razões, desde a mais comezinha – sem se expor os trabalhos, não se vende e não se ganha dinheiro – até uma outra que se prende com uma afirmação do Duchamp: «A posteridade de uma obra é o espectador.» Sem isso, a obra não tem posteridade, no bom sentido do termo: continuar, existir, ter duração.

ULISBOA Mesmo que a obra já não exista fisicamente?

JJ Sim. Aliás, diz-se que nós morremos duas vezes, fisicamente e quando o nosso nome é pronunciado pela última vez.

ULISBOA Qual é a diferença para si entre pintura e desenho?

JJ As linguagens, durante muito tempo, tiveram uma certa claridade, as regras que as constituíam tinham uma perenidade que lhes conferia essa claridade. Pelo menos até ao século XIX, era fácil saber o que era um desenho e uma pintura. A partir de um dado momento, a duração das coisas começou a ser diferente; acho que essa alteração trouxe perturbações. Hoje, não pensando sequer no meu caso, acho que não é assim tão fácil definir o que é desenho e o que é pintura, ou até o que é escultura ou outras práticas. Posso saber se uma obra é feita com materiais tradicionalmente associa-

dos ao desenho, se, no modo de a realizar, há elementos oriundos do desenho, e isso torna-a mais desenho. Há outras em que, sendo usados os mesmos suportes, os mesmos materiais, há uma atitude, um modo de pensar, um modo de lidar com o processo de construir mais pictóricos. Irá isso fazer delas pintura? Se calhar.

ULISBOA Só um pintor é que sabe de pintura?

JJ Sim. Um crítico pode saber pensar pintura, mas de pintura não sabe. É como naquela canção do Cole Porter, «I've got you under my skin»: ou se tem, ou não se tem. Mas há críticos que têm. Historicamente, os grandes críticos de arte eram pintores ou ex-pintores: o Clement Greenberg, o John Ruskin. Não estou a dizer que são eles quem mais sabe pensar a pintura, porque pensar é do lado de fora, é a explicação das coisas. A explicação das coisas já é um sucedâneo, por isso é que digo que só os pintores sabem de pintura. Não quer dizer que sejam os mais capazes de a pensar e de a explicar.

ULISBOA É preciso estudar-se pintura para se ser pintor?

JJ Pode não ser preciso, mas isso não se aplica só à pintura. Não creio que alguém que tenha em si coisas que o conduzam a uma determinada área não a possa alcançar sem passar por uma instituição de ensino nos moldes em que os tempos e os mundos a foram fazendo. Tal como não acredito que as instituições destruam as capacidades das pessoas.

ULISBOA Ser pintor é diferente de ser artista?

JJ Sempre tive uma certa reticência em relação à ideia de artista, que é uma coisa muito volúvel e volátil. Mas conheço pessoas cuja grande ambição é serem artistas.

Lembro-me de ouvir uma resposta do Julião Sarmento, numa entrevista, que me pareceu muito clarificante: ele dizia que, dependendo das distâncias, das geografias e do tempo disponível, ora ia a pé, ora de carro, ora de barco, ora de avião. Eu acho que isso é ser artista. Ser pintor é ir sempre a pé.

ULISBOA Ser pintor é ser diferente do resto das pessoas?

JJ Ser pessoa é ser diferente do resto das pessoas. O outro está-nos sempre muito distante, nenhum de nós pode ser outro. Por isso é que procuramos coisas que nos iludam dessa distância: as relações familiares, as relações afetivas, a inserção numa estrutura social. No fundo, é esse desespero frente à imensa solidão que é ser. Esta diferença parece-me muito mais significativa do que a diferença entre ser pintor e outra coisa. Um sapateiro também deve ser diferente do resto das pessoas. Claro que um sapato é diferente de uma pintura: a diferença entre o pintor e outra pessoa vem não do pintor, mas da pintura. Se uma pintura for mais diferente do que um sapato, então ser-se pintor é ser-se mais diferente.

ULISBOA A relação com a arte é mais verdadeira do que a relação com as outras pessoas?

JJ Se calhar como nós, pintores, somos fabricantes de ilusões, temos uma noção mais inequívoca da grande ilusão, e isso pode fazer-nos diferentes. Nesse sentido, essa convivência com a inevitabilidade da solidão de ser é mais assumida. É o que há. Leibniz dizia que o que há é sinónimo de bem, que só ocorre o melhor. O que ocorre é o possível, e o possível é sempre o melhor. O Humphrey Bogart também dizia uma coisa parecida: nada é nunca tão mau que não pudesse ser muito pior. •

«Já houve trabalhos meus que foram expostos, estão reproduzidos em livros, e já não existem – não foram vendidos, voltaram para mim e eu alterei-os completamente.»



TAPADA DA AJUDA

SAIR DA CIDADE DENTRO DA CIDADE

Áreas florestais, hortícolas e agrícolas, uma flora de espécies domésticas e silvestres, bem como uma fauna diversificada, concentradas em 100 hectares. A Tapada da Ajuda é o espaço ideal para o Instituto Superior de Agronomia e os seus estudantes, mas também para qualquer visitante que queira percorrer os seus trilhos e respirar o ar do campo no meio da cidade de Lisboa.

Fomos conhecer a Tapada da Ajuda, um parque botânico e ambiental situado entre Monsanto e Alcântara, que alberga, entre outros edifícios, o Instituto Superior de Agronomia (ISA), o Observatório Astronómico da Ajuda e o Pavilhão de Exposições. Num ambiente de passeio e de visita de estudo, tendo como guias os professores do ISA Pedro Arsénio, Ana Luísa Soares e Mariana Mota, embrenhámo-nos nos caminhos da Tapada, à descoberta dos seus campos, arboretos, olivais, pomares e vinhas. Encontrámos um espaço com quase 400 anos de existência, repleto de surpresas e de histórias.

O passeio iniciou-se pelo ponto mais baixo, junto ao **Portão da Ponte [1]**, um dos quatro que dão acesso ao terreno murado da Tapada. O muro limítrofe que contornámos é da autoria do professor Francisco Caldeira Cabral, antigo engenheiro agrónomo do ISA e fundador do curso de Arquitetura Paisagista em Portugal. O caminho aproveita uma linha de água existente, rodeada de vegetação, que desemboca no **Anfiteatro de Pedra [2]**, também designado Anfiteatro Professor Francisco Caldeira Cabral e projetado pelo mesmo em 1943. Concebido para a realização de conferências, espetáculos de teatro, bailado e música, com o aumento dos níveis de ruído decorrente da construção da ponte 25 de Abril, o anfiteatro funciona hoje sobretudo como espaço de almoço e de convívio entre alunos, dada a proximidade com o edifício principal do ISA.

Em seguida, subimos até às **hortas [3]**, um dos vários projetos de interesse que o ISA promove na Tapada. Criadas em 2013, são um espaço comunitário com 60 talhões, dos quais 57 estão em uso – nos três remanescentes foi construído um abrigo para ferramentas –, distribuídos por três grupos: alunos, professores e investigadores, funcionários técnicos e administrativos. Os talhões dos professores são contíguos aos dos alunos e aos dos funcionários, uma vez que o propósito das hortas é criar

um ambiente salutar e quebrar a distância entre professores e alunos. Como sublinha a Prof.^a Mariana Mota, «pede-se o regador ao vizinho do lado, que pode ser o professor de física ou de matemática, mas que, aqui, é simplesmente o colega». Os talhões estão distribuídos proporcionalmente: 30 para alunos, 15 para professores e funcionários, e 15 para antigos alunos. Nas hortas, cultiva-se de tudo um pouco: couves, abóboras, melões, tomates, pimentos, feijão, milho, batata-doce, beterraba, acelga, fisalis, cenouras, batatas, cebolas, alho-francês. O aluguer dos talhões é feito anualmente, as únicas regras sendo não passar os limites dos canteiros; não cultivar o que possa ensombrar ou prejudicar o talhão do vizinho; não ter culturas permanentes. Antes do cultivo, a Prof.^a Mariana Mota organiza uma sessão de formação sobre as melhores culturas de verão e de inverno, os principais problemas do solo, as adubações, a compostagem, as pragas e as doenças. Mantém um contacto direto com os locatários, sempre com informalidade, ou não fosse o objetivo das hortas a produtividade social, mais do que a agrícola.

Avançando um pouco, temos, à nossa direita, a **Terra Grande [4]**, um extenso terreno de cinco hectares para cultivo de cereais – os chamados «ensaios», ou seja, todo o cultivo para fins pedagógicos ou de investigação. Estamos no final de julho, é a época de colheita do trigo, e um bando de pássaros sobrevoa a área para debicar o restolho. Uma parcela do terreno é utilizada pelo SolidarISA, um projeto de solidariedade formado por alunos, que se encarrega do cultivo de trigo, alhos, cebolas, couve e grão-de-bico para entrega direta no Banco Alimentar. Por exemplo, no rótulo do esparguete feito com o trigo colhido na Terra Grande lê-se: «Trigo produzido no Instituto Superior de Agronomia para o Banco Alimentar.»

Além do património natural, a Tapada possui um património edificado muito rico. Chegamos a uma zona com vários



Página ao lado
Pavilhão de Exposições

Nesta página

1 Vista superior, via drone, do Edifício Principal do ISA, de parte da Tapada da Ajuda, e do seu enquadramento em Lisboa

2 Anfiteatro Professor Francisco Caldeira Cabral

3 Terra Grande





Vista superior, via drone, do Edifício Principal do ISA

edifícios, entre os quais o **Chalé da Rainha D. Amélia** [5], mandado fazer pela mesma quando a Tapada da Ajuda ainda era a Tapada Real de Alcântara. Chegou a ser a residência do professor André Francisco Navarro [1904-1989], nomeado diretor do ISA em 1936. Hoje, está aí instalada a secção de agricultura do departamento de Produção Agrícola e Animal.

Aproximamo-nos de uma das joias da Tapada, o **Pavilhão de Exposições** [6]. A imponente construção de ferro e vidro, com três cúpulas, foi projetada pelo arquiteto Pedro d'Avilla para a terceira Exposição Agrícola de Lisboa, em 1884, tendo-se decidido que o edifício permaneceria como símbolo dessa exposição. Hoje, é alugado para lançamentos de produtos, casamentos, passagens de ano ou rodagens de fil-

mes. É lá que decorre o baile dos alunos do ISA, encontrando-se em estudo a possibilidade de ser utilizado como espaço de exposições artísticas temporárias.

Do Pavilhão temos vista para o **Jardim da Parada** e o **Jardim da Rainha** [7]. Este último contém um marco de homenagem ao engenheiro agrónomo José de Sousa Veloso (1926-2014), visitante frequente do ISA e da Tapada, justamente celebrado como apresentador do programa *TV Rural*. Os jardins têm também um parque de merendas usado diariamente por alunos em visita de estudo à Tapada. Desde o infantário ao ensino secundário, as escolas requisitam a organização de visitas com propósitos temáticos, ou apenas para vir passar o dia à Tapada.

Na **antiga Abegoaria** [8], igualmente construída para a exposição agrícola de

1884, está sediado o SEMEAR, um programa integrado que visa a inclusão na sociedade de jovens e adultos com dificuldade intelectual e do desenvolvimento, regido por uma equipa multidisciplinar constituída por psicólogos, professores, formadores de jardinagem e horticultura. Este edifício alberga ainda a secção autónoma de arquitetura paisagista. Já a **antiga Vacaria** [9] é hoje a secção de produção animal do departamento de Produção Agrícola e Animal. Os edifícios têm sido todos reaproveitados, e o plano estratégico do ISA prevê a recuperação de muitos outros, tendo em atenção, porém, a preservação do aspeto, e ambiente, de pequena **aldeia** [10] desta parte da Tapada. É aqui que se encontra a maior parte das casas dos atuais e antigos funcionários da Tapada e do ISA. Re-



Garranos
Alameda das Oliveiras
Alunos do ISA em convívio



Todo o edificado tem sido recuperado e reaproveitado para outros fins, preservando a traça tradicional de modo a manter o ambiente de aldeia de alguns locais.

montam à época de construção da ponte, e nelas vivem cerca de trinta pessoas, que se conhecem todas; ao final da tarde, os moradores costumam juntar-se para um passeio a pé.

Quando deixam de estar habitadas, as casas são convertidas em **residências para estudantes** [11]. Três blocos foram recentemente melhorados, foi instalado um revestimento exterior para conforto térmico, e todos os equipamentos passaram a ser elétricos. Cada bloco tem quatro apartamentos, e cada apartamento três quartos. Com estas mudanças, se, antes, as residências tinham uma ocupação anual de 60 % a 70 %, há agora uma lista de espera, dando os alunos residentes vivacidade à zona. A partir deste largo residencial, entrevê-se a **estação de mecanização agrícola** [12], uma antiga divisão do ministé-

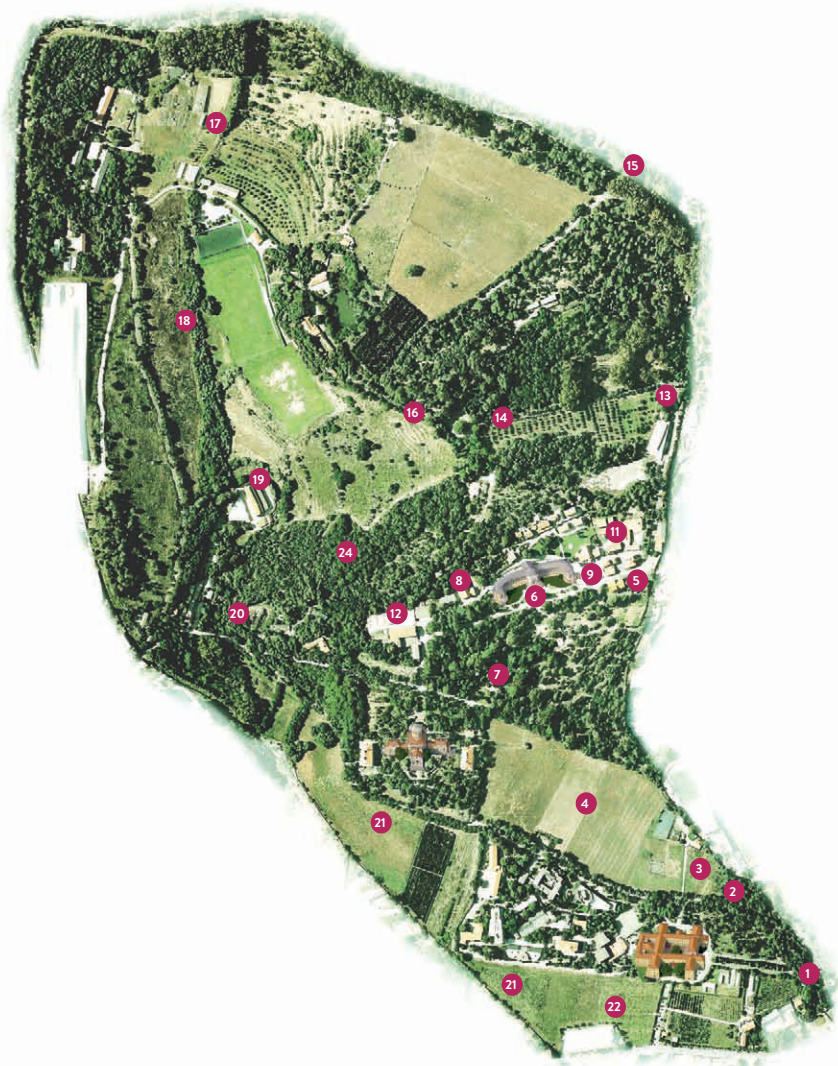
rio da Agricultura, que fazia ensaios em máquinas agrícolas recém-chegadas a Portugal. Nas imediações, permanecem também os hangares metálicos de fabrico alemão, datados provavelmente do período entre as guerras mundiais.

Desde o reinado de D. João V que a Tapada é abastecida por um sistema de **minas de água** [13]. São cinco as minas que abastecem quase todos os campos agrícolas e as áreas ajardinadas da Tapada, regados com as águas da serra de Monsanto. Podemos ver, em vários pontos dos trilhos percorridos, os respiradouros das minas, construções semelhantes a pequenas casas, pintadas de amarelo, com um telhado e quatro paredes, uma delas com uma janela gradeada e sem porta.

A paragem seguinte foi na **Alameda das Oliveiras** [14], um dos espaços mais bonitos da

Tapada, e em que mais facilmente nos esquecemos de que estamos na cidade. Tendo afinidades com o novo tipo de paisagem observável no Alentejo, trata-se de um troço de estrada transitável ladeado de oliveiras; o único sinal de que estamos em Lisboa são os aviões que sobrevoam a baixa altitude as terras da Tapada. No olival mais antigo, existem seis variedades de oliveiras repetidas em quatro blocos, constituindo um sistema de condução tradicional. Foi montado, este ano, um sistema intensivo, com espaços mais apertados entre as árvores, para mostrar aos alunos as diferentes formas de condução. As árvores resultantes desse sistema vão ficar mais pequenas e contíguas, conduzidas em sebe. Antes de ser um olival, este foi um terreno de nogueiras.

Perto do olival, está o **Portão de Monsanto** [15], com acesso direto para peões e



automóveis ao Parque Infantil do Alvito, e aberto todos os dias úteis. Um dos objetivos estratégicos do ISA é a abertura deste portão aos fins de semana, o que possibilitará a realização de percursos pedonais e de bicicleta, para que este se torne um espaço mais vivido pelos habitantes de Lisboa. Está em fase de projeto a construção de uma rede de ciclovias dentro da Tapada, para melhorar o acesso ao parque florestal de Monsanto, bem como ao espaço urbano circundante.

Subimos a Alameda das Oliveiras, que culmina numa rotunda com um grande pinheiro manso, em direção a um terreno onde pastavam cavalos **garranos** [16], uma raça portuguesa autóctone, e uma das grandes atrações da Tapada, especialmente para os visitantes mais jovens. Os garranos foram trazidos para o ISA no âmbito de um ensaio de produção animal em que se observava a sua reação a determinados nutrientes. Estabeleceram-se na Tapada, e os cinco que hoje existem são netos ou bisnetos desses primeiros. Apesar de não possuírem utilidade pedagógica, de investigação ou produção, ganharam o afeto dos funcionários, que os alimentam e tratam. A sua alimentação é constituída por feno e fruta, de produção exclusiva do ISA. Vão sendo mudados e habitando vários espaços da Tapada.



Dirigimo-nos seguidamente ao sítio das **antigas hortas e pomares** [17], terrenos junto a um barracão que servia de apoio aos trabalhos de horticultura, com um pequeno laboratório. Os pomares tinham citrinos, macieiras e uma grande coleção de pereiras, com variedades representativas de todo o país; no entanto, há cerca de dois anos, uma bactéria, que se manifestou à escala nacional, obrigou ao levantamento do pomar: a *Erwinia amylovora*, ou fogo bacteriano. A Prof.^a Mariana Mota manifestou o seu pesar por esta perda, sobretudo porque, no caso das pereiras, já não é possível recuperar as variedades tradicionais recolhidas. Os pomares foram transferidos para terrenos junto à entrada do ISA, e este sítio passará a acomodar as hortas feitas em conjunto com as juntas de freguesia da Ajuda e de Alcântara, numa parceria com a Câmara Municipal de Lisboa.

Nesta zona estão também os viveiros da empresa Sigmetum. Surgiram no âmbito de uma candidatura vencedora a um projecto ProDer – Programa para o Desenvolvimento Rural, e resultam de uma parceria entre a Sigmetum, o arqOUT (um *atelier* de arquitectura paisagista da INOVISA) e o ISA. O projeto é inovador, pois são cultivadas apenas espécies da flora portuguesa;

é, aliás, o único viveiro em Portugal que se dedica exclusivamente a espécies autóctones, utilizadas depois para fins ornamentais, recuperação de áreas protegidas, dunas e jardins. À beira da estrada, há quatro espécies de carvalhos: o *Quercus ilex*, uma azinheira espanhola; o sobreiro; o *Quercus rotundifolia*, a azinheira portuguesa; e um carvalho-português, conhecido também por carvalho-cerquinho. Explicou-nos o professor Pedro Arsénio que há carvalhos de folha caduca e de folha perene, e que o carvalho-português é de folha marcescente, isto é, nunca fica sem folhagem.

Passámos pelo **espaço dos coalas** [18], uma área arbórea contendo os eucaliptos que alimentam os coalas do Jardim Zoológico de Lisboa. Nas imediações, descendo uma pequena encosta, está o arboreto do projeto REINFORCE – Rede Infraestrutura de pesquisa para o monitoramento e adaptação de florestas às mudanças climáticas, coordenado pela professora Helena Almeida. Pertence a uma rede de arboretos europeus, abrangendo uma área da Suécia à Península Ibérica, que visa monitorizar a resposta das árvores a um contexto climático em mudança, com as mesmas espécies em todos os países participantes. Vimos o edifício da antiga **geradora elétrica** [19],



© Valdemar Ricardo Alves



Os professores Pedro Arsénio e Mariana Mota com as redatoras da Revista ULisboa

Foto panorâmica
Vinhos

O propósito das hortas é criar um ambiente salutar e quebrar a distância entre professores e alunos.



Banco do Junot
Vindimas na Tapada em 2019



© Valdemar Ricardo Alves



© Mariana Castro,
Instituto Superior de Agronomia

construído para abastecer de eletricidade o Palácio Nacional da Ajuda, e onde está agora instalado um parque de máquinas agrícolas antigas.

Começámos em seguida a descer para outro dos pontos curiosos da Tapada, o **Banco do Junot** [20]. Durante as Invasões Francesas, as tropas napoleónicas passaram pela Tapada e foram para o Jardim Botânico da Ajuda – sede do primeiro museu de história natural do país –, de onde levaram material que hoje se encontra no Jardim Botânico de Paris. Conta-se que Junot estava muito cansado e que se sentou no banco para descansar. Nas proximidades, encontra-se a ponte de Junot, de acesso temporariamente cortado.

Com vista para o Tejo, continuámos a descer em direção às **vinhas** [21], até há poucos anos as únicas da cidade de Lisboa. As vinhas de uvas tintas, mais tradicionais, incluem as do Almotivo e da Encosta. As vinhas de uvas brancas são maiores, foram montadas com rega, e os ensaios realizados são de maior intensificação. Notámos que as castas estão perfeitamente identificadas: dentro dos brancos, reconhecemos as castas Alvarinho, Moscatel Galego e Moscatel de Setúbal. É na vinha nova, dos brancos, que os alunos passam mais tempo, a fazer ensaios, a estudar os sistemas de condução e a observar os diferentes comportamentos das espécies, incluindo a suscetibilidade às

doenças e pragas, bem como as datas de colheita e os tipos de mosto. O vinho produzido no ISA encontra-se à venda, sob a forma de ensaios víquicos, em caixas *bag in box* de cinco litros; há também moscatéis e uma aguardente velha, estagiada 25 anos em carvalho. Nos últimos anos, o ISA tem investido na ligação da academia às empresas, de modo a criar oportunidades de trabalho. Estão estabelecidos vários protocolos com empresas que realizam ensaios no ISA, nomeadamente a vinda de funcionários para lecionarem aulas teóricas e a organização de visitas de estudo a essas empresas.

Certos carreiros das vinhas estão envolvidos em redes, para que os pássaros não comam os bagos, sendo as redes o indício de que em breve os bagos vão ficar maduros. Como a Tapada é um espaço muito exposto ao sol e ao calor, a vindima é antecipada, sendo feita em agosto, primeiro com os moscatéis. Qualquer pessoa se pode inscrever para colaborar; no passado mês de agosto, e à semelhança do que tem acontecido nos últimos oito anos, a adesão de voluntários à campanha de vindimas no ISA foi significativa. Desta vez, a empresa The Navigator Company apoiou a iniciativa, com caixas de cartão para o transporte das uvas e demais frutos. Uma parte das vindimas é, no entanto, deixada para setembro, para que os estudantes acompanhem todo o processo, desde a colheita à realização do mosto.

Contíguo às vinhas de uvas brancas está um perfumado **pomar de macieiras** [22], resultante de uma intensificação cultural. Possui duas variedades de maçãs, Fuji e Royal Gala, com as fileiras das espécies intercaladas: duas fileiras de Fuji seguidas de duas de Royal Gala. O entusiasmo e a colaboração dos alunos, que se foram revezando, fizeram com que o pomar fosse plantado num só dia. Na altura da visita, as maçãs estavam quase prontas para serem colhidas – e comidas! À semelhança das vindimas, as recolhas de frutos são também antecipadas por causa do clima quente. Como explicou Mariana Mota, as árvores tinham acabado de ser mondadas, isto é, colheira-se um determinado número de frutos, de acordo com a quantidade de ramos das árvores, para que os restantes pudessem adquirir um calibre adequado.

Atravessando a estrada da entrada principal do ISA, vimos mais **pomares** [23]: uma pequena coleção de árvores de citrinos, com tangerineiras, laranjeiras, limoeiros, e um conjunto mais considerável de árvores prunóideas (árvores de frutos de caroço duro), com ameixeiras, amendoeiras, pessegueiros e damasqueiros. Esta coleção frutícola foi criada para que os alunos adquiram um conhecimento prático das diferentes espécies; assim, ao longo do ano, podem acompanhar o processo de maturação completo dos frutos, da fitossanidade às podas das árvores, até à sua colheita. ●

PARQUE BOTÂNICO

A Tapada da Ajuda foi instituída Parque Botânico em 1956, data em que é registada no organismo internacional BGCI – Botanical Gardens Conservation International. Atualmente, contém sete mil árvores e arbustos, pertencentes a cerca de 700 espécies. Praticamente no seu centro, existe uma zona muito especial, a **Reserva Botânica Natural D. António Xavier Pereira Coutinho [24]**, assim denominada em 1951 em homenagem ao botânico. Trata-se de uma área de seis hectares, delimitada já em 1923, que contém mais de 200 espécies e cuja particularidade assenta na preservação da vegetação original da região de Lisboa. A predominância é dos zambujeiros (*Olea europaea* var. *sylvestris*), vulgo oliveira-brava, dado que é uma espécie rústica facilmente adaptável às condições de altas temperaturas e secura do solo da Tapada.

Desde julho deste ano, o Parque, que além da Reserva inclui as coleções de plantas ornamentais, é da responsabilidade da Prof.^a Maria Manuel Romeiras, que conti-



Prof.^a Maria Romeiras no miradouro da Reserva, onde são visíveis os zambujeiros.



nuará o trabalho da Eng.^a Maria Teresa de Carvalho e Vasconcellos, durante dezasseis anos a principal cuidadora deste património. A sua colaboração irá manter-se, especialmente no processo de informatização da coleção botânica que ajudou a criar. Cada planta terá uma nova identificação, em que junto à designação terá um código QR que dará acesso à sua localização e à ficha completa das suas características. Cada ficha está a ser disponibilizada em formato físico – em dezembro próximo estarão completadas 150 – e via:

www.isa.ulisboa.pt/pbta/colecao-botanica.

Brevemente sairá ainda uma publicação sobre a Reserva, cujo material já está recolhido.

O Parque tem uma conservação *in situ* das espécies e uma conservação *ex situ*, por meio do herbário e do *Index Seminum*. Além disso, está associado ao Jardim Botânico da Ajuda, também sob a alçada do ISA, e ambos constituem um património científico de valor para todos os alunos da Universidade de Lisboa.



Pavilhão de Exposições

FACTOS E CURIOSIDADES

- Em 1645, o rei D. João IV decretou a criação da Tapada Real de Alcântara, usada como parque de caça e de criação de gado da família real, e como espaço de descanso e lazer.

- **Com a mudança de residência da família real para o Alto da Ajuda, a Tapada Real de Alcântara passou a denominar-se Tapada Real da Ajuda.**

- A partir do século XIX, a Tapada foi aberta ao público, facultando aos seus visitantes um espaço de lazer e de passeio.

- **O ensino agrícola em Portugal foi criado**

em 1852, com o decreto de 16 de dezembro, promulgado no reinado de D. Maria II.

- O Instituto Superior de Agronomia foi fundado em 1910, com a implantação da República, e está, desde 1917, sediado na Tapada da Ajuda. O seu edifício principal foi projetado pelo arquiteto Adães Bermudes.

- **A Tapada contém dois arboretos de espécies autóctones e exóticas.**

- Em 2002, o conjunto intramuros da Tapada foi classificado como Imóvel de Interesse Público.

UNITE!

UNIVERSITY NETWORK FOR INNOVATION, TECHNOLOGY AND ENGINEERING

A Universidade de Lisboa faz parte de uma das primeiras Universidades Europeias, redes criadas para a promoção da mobilidade de estudantes, investigadores, professores e funcionários técnicos e administrativos naquilo que serão *campi* transnacionais europeus.

Em 2017, a Comissão Europeia lançou o desafio, ao abrigo do programa Erasmus+, para a criação de Universidades Europeias, que designou como alianças transnacionais para a promoção da identidade europeia e dos seus valores, de modo a potenciar a qualidade e a competitividade do ensino superior europeu. A Universidade de Lisboa respondeu a este desafio com a UNITE!, um dos 17 projetos vencedores, entre os 54 candidatos, anunciados no passado dia 26 de junho.

A UNITE! é, como indica o nome em inglês, uma rede universitária para a inovação, a tecnologia e a engenharia. É composta por mais seis instituições: a Universidade de Aalto (Finlândia), uma universidade recente, mas que resulta da união de uma antiga escola de gestão com uma escola de *design* e de engenharia; o Instituto Real de Tecnologia KTH (Suécia); o Instituto de Tecnologia de Grenoble (França), também com uma forte componente disciplinar de gestão; o Politécnico de Turim (Itália); a Universidade Politécnica da Catalunha (Espanha); e a Universidade Técnica de Darmstadt (Alemanha), uma das cinco melhores escolas técnicas alemãs, agregando ainda escolas de ciências sociais. É esta última universidade a coordenadora geral da rede.

As iniciais do nome da rede, com o acréscimo do ponto de exclamação, formam

um acrónimo feliz que, assemelhando-se a uma palavra de ordem, sintetiza o objetivo maior desta iniciativa europeia de formação de alianças universitárias transnacionais. É também da união de competências e de experiência que a UNITE! resulta. As sete escolas que compõem a rede trabalhavam já juntas há cerca de 20 anos no CLUSTER – Consortium Linking Universities of Science and Technology. Foi, pois, um passo natural prolongar a colaboração, ainda que parcial (das 12 escolas do CLUSTER, apenas sete decidiram avançar para a UNITE!), para esta candidatura. Do CLUSTER faz parte o Instituto Superior Técnico (IST), sendo a ULisboa na sua multidisciplinaridade que integra a UNITE! A Reitoria gerirá a execução do projeto em nome da ULisboa. A experiência bem-sucedida do CLUSTER e a qualidade dos parceiros internacionais explicam a avaliação de que a candidatura foi alvo, já que a experiência e o conhecimento adquiridos por meio do trabalho conjunto e a total complementaridade e multidisciplinaridade das escolas da UNITE! preencheram um dos requisitos fundamentais para se ser uma Universidade Europeia.

A Revista da ULisboa conversou com o professor Luís Miguel Silveira, vice-presidente do IST para os Assuntos Internacionais e o responsável executivo do projeto na ULisboa. Um dos primeiros aspetos a ter

em conta em relação à UNITE! é que se trata de um projeto-piloto de três anos com o objetivo de criar «a estratégia, a metodologia e os instrumentos para que a mobilidade universitária que já existe se torne mais natural, simples, inclusiva e generalizada». A mobilidade referida é a proporcionada pelo programa Erasmus que, para Luís Miguel Silveira, é, «provavelmente, o programa que mais mentalidades mudou». Neste sentido, as universidades europeias serão um melhoramento, ao mais alto nível funcional, do que já existe, e o que se pretende com a UNITE! é criar mecanismos e processos que possam ser operacionalizados em pleno no futuro. As 17 Universidades Europeias criadas nesta primeira fase irão, no fundo, desbravar caminhos.

Com o lançamento do projeto a 5 de novembro, em Darmstadt, inicia-se a execução dos grandes objetivos desta rede. Em primeiro lugar, está a mobilidade, física e virtual – espera-se que, em 2025, 50 % dos alunos beneficiem da mobilidade proporcionada pela UNITE! Juntas, as escolas da rede agregam mais de 167 000 estudantes inscritos, com uma média de 36 700 diplomados anuais. O segundo objetivo é a criação de um *campus* virtual, com ferramentas *online*, espaços digitais, espaços de cocriação e salas de aula virtuais. Luís Silveira reforça que estes são instrumentos que, tecnologi-

A UNITE! agrega mais de 167 000 estudantes inscritos, com uma média de 36 700 diplomados anuais.

camente, já existem em algumas das escolas da rede, mas há que trabalhar na harmonização de procedimentos entre elas. Trabalhar-se-á também na introdução generalizada de metodologias de treino pedagógico para professores e equipa de apoio da rede.

A nível doutoral, irão desenvolver-se projetos-piloto que promovam a ligação entre a indústria, a inovação e a investigação. O objetivo é expandir o espaço de atuação de cada escola, sendo necessária a partilha de informação. Para tal, não basta sistemas tecnológicos que permitam essa partilha, mas a existência de uma relação de confiança que as escolas da UNITE! já estabeleceram. Relacionado com este objetivo está o envolvimento regional, a atuação de cada escola no seu meio local e nacional, e a expansão desse envolvimento ao nível da rede. O propósito é ligar os espaços de atuação de cada escola de modo a permitir que, por exemplo, a ULisboa possa ter contacto com indústrias alemãs por via da escola parceira na UNITE!

Outro dos objetivos desenhados pelo projeto refere-se ao modelo de governança a colocar em prática após estes três anos de execução, ou seja, como será operacionalizada a gestão de uma Universidade Eu-

ropeia composta por sete corpos em sete países europeus.

Por último, o sétimo grande objetivo da UNITE! está relacionado com os serviços de suporte. Embora todas as escolas da rede participem em todas as grandes tarefas do projeto, fazem-no com graus de envolvimento diferente. Para a execução deste objetivo, a ULisboa foi a escolhida como líder, estando em causa a criação de quatro estruturas:

- O Centro de Mobilidade Conjunta, que comporta a simplificação de procedimentos para uma «mobilidade sem papéis», e a criação de um passaporte do estudante UNITE!, para uma movimentação fluida entre escolas; serão consideradas as condições de mobilidade para os Estudantes com Necessidades Educativas Especiais.
- O Centro de Acolhimento e Integração do Estudante, que pretende ser a união das melhores atividades que cada escola da rede tem nestas áreas. O propósito é criar procedimentos comuns em que os aspetos culturais de cada país sejam uma mais-valia e não um obstáculo. Esta estrutura incluirá atividades de mentorado presencial e virtual, assim como espaços de cocriação estudantil para promover a integração, a participação e a visibilidade de cada novo aluno.

• O Centro de Linguagem Global, promotor de ações pré-, durante ou pós-mobilidade relacionadas com o estudo da língua e da cultura de cada país, ações essas que serão valorizadas e creditadas.

• O Centro de Oportunidades de Carreira, algo similar a gabinetes de empregabilidade que englobem toda a rede. Trata-se mais uma vez de uma partilha de informação quer de oportunidades de emprego, quer do que cada aluno tem para oferecer.

O projeto UNITE! terá um financiamento total de 7 milhões de euros: 5 milhões fornecidos pela União Europeia, e 2 milhões resultantes da contribuição das próprias escolas. Há a possibilidade de, na esteira de outros países europeus, também o governo português contribuir com financiamento adicional para as universidades portuguesas que participem em projetos vencedores das universidades europeias.

A estrutura da UNITE! beneficia do conhecimento, da experiência e da confiança adquirida entre as Escolas. Ao longo dos três anos que agora se iniciam não só muito será concretizado, mas também planeado. Estas primeiras Universidades Europeias, de que a ULisboa faz parte, serão os modelos do ensino universitário do futuro. •



RITA ALFAIATE

«AMBICIONAVA CRIAR OS MEUS PRÓPRIOS MUNDOS E PERSONAGENS, ASSUMIR OUTRAS IDENTIDADES, OUTRAS FORMAS DE VIDA.»

Rita Alfaiate é artista de banda desenhada e pintora.

Fotografia © Duarte Pinheiro

ULISBOA Quando e como começou a fazer banda desenhada?

RITA ALFAIATE Foi no 12.º ano, mas ainda era muito amadora. Quando fui para a Faculdade, optei pelo curso de Pintura, que não permite a abordagem pela ilustração e pela banda desenhada, sendo um curso mais plástico. Estive praticamente quatro anos sem tocar na banda desenhada. Ao fim desse tempo, decidi seguir o meu sonho e optei pelo mestrado de Desenho, que já me deu mais abertura para seguir a via da ilustração e dos quadradinhos. [Risos]

ULISBOA Em criança lia banda desenhada? O quê?

RA Sim. Lia muitas revistas da Disney, *Dragon Ball* – que abordo na dissertação de mestrado –, a *Turma da Mónica*, quando era pequenina. Depois comecei a ler outras coisas, alguns álbuns de *manga* mais ligados a História, e também banda desenhada independente, o meu estilo preferido, um

pouco da franco-belga; a americana também, embora nunca me tenha ligado tanto a esse tipo de banda desenhada. Sempre tive o sonho de entrar neste meio, aquilo que lia dava-me vontade de viver aquelas histórias; ambicionava criar os meus próprios mundos, as minhas próprias personagens, assumir outras identidades, outras formas de vida.

ULISBOA Escreve também as suas histórias?

RA Sim. Por acaso nunca trabalhei com um argumentista. Talvez venha a acontecer. Até agora foram sempre histórias da minha criação.

ULISBOA Conte-nos a história dos seus dois álbuns, *No Caderno da Tangerina* e *Tangerina*.

RA A história começa com *No Caderno da Tangerina* e gira em torno de uma menina, a Tangerina, que chega a uma nova escola. Ela tem uns desenhos de monstros no caderno, e o colega de carteira fica com al-

guma curiosidade pela colega, o que o leva a segui-la para tentar conversar e brincar com ela; em vez de encontrar a Tangerina, encontra o monstro que ela desenhava nos cadernos. *No Caderno da Tangerina* é construído em torno desse mistério. O álbum *Tangerina* é uma continuação, uma espécie de capítulo que falta ao primeiro livro e resolve um mistério que lá se criou. No primeiro livro acontece algo que não é explicado, e o segundo livro explica-o.

ULISBOA Foi planeado ou aconteceu?

RA Aconteceu. Não sabia bem que final ia dar ao primeiro livro, então deixei-o em aberto. Podia tê-lo deixado assim – o que dá ao leitor uma intervenção maior –, mas houve muitas pessoas que gostaram e pediram a continuação, então resolvi dar-lhe um final: daí, o *Tangerina*. Consegui arranjar um final muito diferente daquele que os leitores esperavam, talvez.

ULISBOA Está a trabalhar em alguma coisa?

RA Estou a trabalhar numa história, mas está numa fase embrionária, ainda não sei que contornos vai ter. Tenho já alguns desenhos concetuais feitos. O meu método é começar pelos desenhos e depois arranjar-lhes uma história. Estou a escrever a história a partir desses desenhos, depois hei de fazer mais desenhos.

ULISBOA Os desenhos referem-se a personagens ou a situações?

RA Personagens, situações, cenários, ambientes.

ULISBOA Como se ligou à editora Escorpião Azul?

RA Já conhecia a Sharon Mendes, que andou comigo em Gravura e é uma das editoras, com o Jorge Deodato. Duas vezes por ano realizam-se as Galerias Abertas, na Faculdade de Belas-Artes; ela viu lá os meus trabalhos e convidou-me a fazer um livro com eles.

ULISBOA Publicou com eles também a sua tese de mestrado: *Banda Desenhada: Ensaio sobre a Incoerência Estilística*.

RA Sim, este ano houve a hipótese de a publicar. *No Caderno da Tangerina* foi feito no âmbito da dissertação de mestrado, e o ensaio, um estudo de caso, foi feito nessa altura. Juntei o útil ao agradável: estava a tirar o mestrado, queria fazer banda desenhada, fiz o mestrado sobre banda desenhada. O livro foi publicado com o apoio do Clube Português de Banda Desenhada, que sugeriu a edição.

ULISBOA Não parece haver muita literatura em Portugal sobre banda desenhada.

RA Julgo que é difícil para certas pessoas, especialmente académicos, considerarem a banda desenhada um objeto de estudo. Não digo todos: tive ótimos professores em desenho, que me apoiaram quando fiz a dissertação. Mas parece-me que esse paradigma está a mudar um pouco. A banda desenhada em Portugal está a explodir: há editoras, como a Escorpião Azul, a apostarem em sangue novo, festivais. Acho que estamos mais abertos, mesmo dentro

das instituições académicas, à banda desenhada.

ULISBOA A banda desenhada ainda é considerada uma arte menor?

RA Creio que não. Para mim, é uma arte muito completa e complexa. É quase como se juntássemos cinema, ilustração e escrita. É literatura, é desenho. É uma vertente muito complexa da arte.

ULISBOA Sentiu alguma vez que o que faz é minorizado?

RA Talvez, quando dizem que a banda desenhada é para crianças. *[Risos]* Já tive essa reação da parte de quem não é consumidor de banda desenhada. Por exemplo, o meu segundo álbum é muito adulto e violento. Quando me dizem que o vão comprar para um filho, digo logo que talvez não seja boa ideia. É melhor ler primeiro e decidir depois. A banda desenhada pode, ou não, ser para crianças, tal como a literatura.

ULISBOA A que se deve a tendência na banda desenhada para adultos para extremar a violência e a sexualidade?

RA Provavelmente à vertente visual, que permite a expressão de certas coisas que a escrita não permite, nomeadamente, o grotesco. Por exemplo, eu não consigo escrever de uma forma vívida, que faça o leitor imaginar o que se está a passar, mas consigo fazer um só desenho que valha mil palavras. O meio visual permite uma representação mais visceral do que se quer exprimir, daí existirem esses extremos. Há muitas bandas desenhadas que exploram o *gore*, o grotesco, o pornográfico.

ULISBOA Continua a pintar?

RA Infelizmente, não tanto, quer porque estou mais dedicada à ilustração, quer porque não tenho espaço. Gosto de pintar telas grandes, e como trabalho no meu quarto, esse espaço não me permite fazê-lo. Na Faculdade, havia *ateliers* e salas onde tinha mais liberdade para trabalhar; como já não sou estudante, já não tenho essa benesse, e não tenho pintado.

ULISBOA Para pintar e ilustrar, precisa

de uma referência real?

RA Preciso, especialmente de referências corporais. Para as mãos, para um determinado movimento do corpo, ou para uma perspetiva preciso da referência fotográfica, e ou eu própria tiro a fotografia ou pesquiso na internet, em bancos de imagens. Para as expressões faciais já não tanto, uma vez que uso mais o estilo *cartoon*, porque acho que permite uma melhor comunicação com o leitor.

ULISBOA Para que tipo de traço ou de escola se vê a evoluir?

RA É complicado responder a isso, porque gosto de muitos estilos e gosto de variar. Na própria banda desenhada, tenho tanto um estilo realista como de *cartoon*. Não gosto de usar sempre a mesma linguagem, gosto de navegar em todas. Gosto da mistura entre o estilo de animação japonês do Studio Ghibli, a banda desenhada europeia franco-belga e até alguma da Disney; são estes os estilos que procuro.

ULISBOA E quais os artistas, nacionais e internacionais, que admira?

RA Cyril Pedrosa, Joana Afonso, Mosi, o Álvaro, que faz as tiras humorísticas – um dos meus géneros preferidos de banda desenhada –, Dave McKean, Tony Sandoval, Moebius, Mike Zelle, Brandon Graham, o Tyler Crook, que esteve em Portugal no XV Festival Internacional de BD de Beja, uma pessoa simpática, humilde e talentosa. São as minhas referências – vamos ver uma exposição de um deles e saímos de lá inspirados para fazer mais e melhor. Também é importante mencionar o Fábio Veras, a Inês Garcia e o Tiago Cruz, todos autores nacionais em ascensão.

ULISBOA Pondera prosseguir os estudos num doutoramento?

RA De momento, não posso fazer esse investimento, e não tenho um projeto para avançar para doutoramento. Já me candidatei a uma bolsa da FCT, que não obtive. Mas não vou desistir, até porque gostava de lecionar. •

ALEXANDRA M. MOREIRA DO CARMO

«FUI CAPTURADA PARA A MÚSICA PELA AMIZADE.»



Alexandra faz música e filosofia.

Fotografias © José Bértolo

ULISBOA A que se tem dedicado?
ALEXANDRA M. DO CARMO
Acabo de vir de um ensaio de um espetáculo do Flak no Centro Cultural Olga Cadaval, em Sintra. Ele convidou-me para cantar quatro temas dos Rádio Macau. O Alex

[Alexandre Cortez] também me convidou para dizer poesia acompanhada de música no Povo, no Cais do Sodré; no meu caso, foi com o Vítor Rua. Tenho sido convidada para outros projetos, o último de um grupo de Braga, os Cavaleiros, para a canção «Ninguém Me Avisou»:

uma das coisas que me conquistou foi a pronúncia do Norte; nas maquetes, a pronúncia era ainda mais acentuada do que no disco.

ULISBOA O início dos Rádio Macau foi tão idealista como costuma ser descrito: um grupo de amigos a viver na mesma casa?

«Como é possível continuarmos a apostar num crescimento ilimitado num planeta com recursos finitos?»

AMC Os meus pais separaram-se tinha eu quinze anos. O meu pai foi viver para Nova Iorque e a minha mãe para Santarém. Os Rádio Macau ainda não existiam, mas eu tinha uma afinidade muito grande com um grupo de pessoas de que faziam parte o Flak e o Alex. Quando a minha mãe me disse a mim e ao meu irmão que tínhamos de ir viver para Santarém, eu respondi: «Nem para Santarém, nem para Nova Iorque!» [Risos] Não queria perder esse grupo de amigos. Vivia no Algueirão, que na época era só quintas, um espaço quase idílico. Aquele grupo de pessoas era incrível, uns eram pintores, outros escreviam, e sou ainda amiga da maioria. Fui muito firme na minha recusa, e convencia-a. A minha mãe era amiga da mãe do Flak e da mãe do Alex. Foi ela que sugeriu que eles fossem viver comigo. Ela pagava as contas, mas não me dava dinheiro, e ficou combinado que todos os dias iria almoçar a casa da mãe do Alexandre. Passado um ano, começámos a tocar em bares, para ganhar dinheiro para a «família». [Risos] Foi uma experiência extraordinária. Era uma vivenda grande e cada um tinha o seu quarto. A sala de jantar transformou-se numa sala de ensaios e reuníamos-nos na sala de estar para ouvir música, um grupo de 15 ou 20 pessoas. Era um ritual quase sagrado! Líamos as letras e depois discutíamos o disco.

ULISBOA O que ouviam?

AMC Alguns desses amigos gostavam de *rock* de fusão e *rock* sinfónico, como Genesis e Yes. Nunca me identifiquei com esse tipo de música; gostava de Gentle Giant. Ouvíamos pós-*punk*: Nina Hagen, Patti Smith, David Bowie, Lou Reed, Clash, U2. Lembro-me perfeitamente de irmos ouvir o *Boy* a casa de um amigo.

ULISBOA Disse ter chegado à música por acaso. Imagina-se a ter sido outra coisa?

AMC Sim! Não me arrependo nada do percurso que fiz, mas às vezes penso: «E se?» O momento da encruzilhada foi o dia em que disse «não» à minha mãe. Imaginem que vida teria tido em Nova Iorque, ou em Santarém! Teria escolhido Nova Iorque, porque na altura queria ser cientista e astronauta. Os Rádio Macau não foi um projeto premeditado, foi sustentado numa amizade, muito fraterna, que se mantém até hoje. Fui capturada para a música pela amizade. Esse nunca foi o meu sonho. Mas o canto é mesmo uma forma de sublimar a nossa energia que não encontrei ainda em mais nenhum sítio – nem na escrita, nem na filosofia. É corporal. Estar em palco e libertar a energia foi para mim importante.

ULISBOA Vai para o curso de Filosofia no mesmo ano em que lança o primeiro álbum a solo. Foi uma maneira de arranjar um espaço para si?

AMC Nunca pensei nisso, mas é possível, sim. Tinha 28 anos e gravei o primeiro disco aos 18; foram dez anos muito intensos. Talvez quisesse criar espaço para me encontrar na música. Quanto à filosofia, não foi uma escolha imediata; achei que a ciência pura e dura iria exigir mais de mim e, na época, teria sido difícil. Também já lia alguma filosofia e gostava; quis experimentar, e a experiência correu bem. Gosto de tentar resolver problemas; dar-lhes uma forma e uma resolução também me entretém.

ULISBOA Concluiu recentemente o doutoramento na Faculdade de Letras. Fale-nos sobre a escolha do autor e do tema.

AMC Não conhecia o Henri Maldiney. Estava na Bélgica ou em França, a comprar

livros, e vi o livro *Art et existence*, que tinha uma capa lindíssima, toda branca, só com uma pintura. [Risos] Foi pela capa e pelo título, não tinha qualquer referência dele. Estava a fazer a parte curricular do mestrado, já a pensar no doutoramento. Não fiz a dissertação de mestrado porque passei logo para o doutoramento. Nessa parte escolar do mestrado, comecei por trabalhar em Nelson Goodman – teorias da arte. No Maldiney cativou-me, em primeiro lugar, a relação entre existência e arte. Depois, um neologismo, o conceito de transpassibilidade, a capacidade de nos determinarmos a nós próprios a uma passividade indeterminada. Essa passividade é abertura, recetividade absoluta, da ordem do sentir, um sentir que não é um modo da consciência – também não é o inconsciente, que é a zona de sombra da consciência. Estamos a falar de zonas ocultas, mais profundas, da nossa estrutura humana.

ULISBOA Como foi escrever a tese de doutoramento?

AMC Tive alguma dificuldade, é um trabalho a que não estava habituada e que exigiu muito de mim. Nem sequer considero que esteja muito bem escrita. Acho que escrevo hoje melhor. Dediquei-me praticamente só à tese, com financiamento da FCT. Mas nunca deixei a música, há sempre projetos, pequenas coisas, o que é também um modo de não me desligar completamente. Agora investigo, quero publicar um livro. Tenho 54 anos, quero coordenar o melhor possível essas duas atividades que me realizam. Hoje posso dizer que sou uma pessoa muito realizada.

ULISBOA Preocupa-a o que se passa no mundo?



AMC O que mais me preocupa é um certo atraso na transformação necessária, em todas as sociedades, para uma adequação às circunstâncias contemporâneas. Muitos dos critérios pelos quais hoje nos regemos ainda são os da modernidade, dos séculos XVIII e XIX, nomeadamente o do progresso. Como é possível continuarmos a apostar num crescimento ilimitado num planeta com recursos finitos? Temos de inventar outro modo de nos organizarmos em sociedade, não um modo já estudado, proposto ou pensado, mas um modo novo, dado que vivemos circunstâncias absolutamente novas. Se nós, seres humanos, conseguimos pensar em todas as outras propostas anteriores, também teremos cabeça para pensar numa nova.

ULISBOA O futuro como uma possibilidade aberta?

AMC O futuro não é outra coisa senão uma possibilidade aberta. Nada está predefinido. Aliás, em relação à transpassibilidade, essa abertura não é senão abertura à novidade e à transformação. Temos a capacidade de integrar o novo, e temos de a exercitar mais. E, apesar de gostar de ficção

científica, não creio em cenários apocalípticos de extinção da humanidade. Somos essencialmente criativos; o que nos distingue dos animais não é a inteligência, mas a capacidade de criar. E conseguimos criar em abismo, sem chão.

ULISBOA Escreveu recentemente sobre feminismo.

AMC Foi apenas um pequeno artigo, um depoimento que será publicado com outros num volume. Não gosto da expressão «igualdade de género», prefiro «equidade de género». Nenhum de nós é igual entre si, homens ou mulheres. Onde hoje se nota mais a falta de equidade de género é no mundo laboral. Nas sociedades democráticas ocidentais, existem ainda alguns fantasmas machistas difíceis de exorcizar, e interrogo-me se esta falta de equidade não convém ao «Mercado». Trata-se de uma boa oportunidade de capturar um grande número de trabalhadores especializados, como são as mulheres, a baixo custo.

ULISBOA Alguma vez sentiu na pele a falta de equidade?

AMC Não. Na música, e, de um modo geral, na cultura, não há casos gritantes.

ULISBOA Aborrece-a ser identificada como a Xana dos Rádio Macau?

AMC Não. Por vezes sinto que sofro de esquizofrenia ou de bipolaridade: a «Xana dos Rádio Macau» e a «Alexandra do Carmo». [Risos] Nunca gostei do nome Xana, mas a família sempre me tratou assim. Nos Rádio Macau, achavam que Alexandra era pretensioso. Eu prefiro Alexandra.

ULISBOA Tem essas duas identidades?

AMC Não, nem nunca me tratei na terceira pessoa – «A Xana»: que piroseira... Não sou nenhuma personagem, sou eu mesma. É simplesmente o nome pelo qual sou identificada. Curiosamente, a faculdade deu-me essa oportunidade, de ser mais do que a Xana dos Rádio Macau.

ULISBOA Uma das artistas que mais admira é a PJ Harvey. Encontra na música atual quem se lhe equipare?

AMC Não. E, durante muito tempo, antes de conhecer a PJ Harvey, não tinha com quem me identificasse tanto em relação ao canto. Mais uma vez, a energia: sinto na PJ Harvey essa energia de que há pouco falei, ou essa capacidade de sublimar a energia. Nem sempre os cantores o fazem. Mas hoje continua a fazer-se música boa. Tenho ouvido Jacco Gardner, por exemplo, mas não estou tão atenta como já estive.

ULISBOA Cantar em português foi uma espécie de manifesto?

AMC Não era uma particularidade dos Rádio Macau. Estávamos no pós-25 de Abril, e Portugal estava muito atrasado relativamente às outras cidades europeias. Tínhamos entre 18 e 20 anos, sentíamos o ímpeto de contribuir para a mudança, que também estava a acontecer noutras áreas, na pintura, no cinema. Daí os encontros no Frágil, por exemplo, serem tão importantes. Quanto a cantar em português, eu costumava dizer que canto na língua em que penso. Era a nossa voz que queríamos fazer ouvir, e que se compreendesse muito bem. Estávamos muito abertos ao acontecimento e à transformação. ●